



*Christiano Ricardo dos Santos
Clebson Assis da Silva
Marco Aurélio Rodrigues
(organizadores)*

Dizeres da Quarentena

Christiano Ricardo dos Santos

Clebson Assis da Silva

Marco Aurélio Rodrigues

(organizadores)

Dizeres da Quarentena

MACAPA

UNIFAP

2022

Copyright © 2022, autores

Reitor: Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira
Vice-Reitora: Prof.^a Dr.^a Simone de Almeida Delphim Leal
Pró-Reitor de Administração: Msc. Seloniel Barroso dos Reis
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas: Isan da Costa Oliveira Junior
Pró-Reitor de Ensino de Graduação: Prof. Msc. Almiro Alves Abreu
Pró-Reitor de Planejamento: Prof. Msc. Erick Frank Nogueira da Paixão
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof.^a Dr.^a Amanda Alves Fecury
Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. Msc. Steve Wanderson Calheiros

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá
Madson Ralide Fonseca Gomes

Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá
Fernando Castro Amoras

Conselho Editorial

Madson Ralide Fonseca Gomes (Presidente), Alaan Ubaiara Brito, Alisson Vieira Costa, Clay Palmeira da Silva, Eliane Leal Vazquez, Inara Mariela da Silva Cavalcante, Irlon Maciel Ferreira, Ivan Carlo Andrade de Oliveira, Jodival Maurício da Costa, Luciano Magnus de Araújo, Marcus Andre de Souza Cardoso da Silva, Raimundo Erundino Diniz, Regis Brito Nunes, Romualdo Rodrigues Palhano e Yony Walter Mila Gonzalez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Editora da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Maria do Carmo Lima Marques – CRB2-989

Dizeres da quarentena / Christiano Ricardo dos Santos; Clebson Assis da Silva; Marco Aurélio Rodrigues (organizadores). Macapá: UNIFAP, 2022.

118 p.
ISBN: 978-65-89517-39-9

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Crônicas. 4. Poesias. 5. Pandemia. I. Santos, Christiano Ricardo dos, (org.). II. Silva, Clebson Assis da, (org.). III. Rodrigues, Marco Aurélio, (org.). IV. Título. V. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

B869.98 D622d
CDD 22. ed.

Arte da capa: Rodrigo Macedo da Silva
Diagramação: Fernando Castro Amoras

Edital n.º 02/2020 - CSTN/UNIFAP, de 07 de maio de 2020
Comissão Avaliadora: Licenciatura em Letras-Português, Campus Santana
Idealização: Direção Campus Santana



Editora da Universidade Federal do Amapá
www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br
Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade,
Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419



Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem permissão dos Organizadores. É permitida a reprodução parcial dos textos desta obra desde que seja citada a fonte. As opiniões, ideias e textos emitidos nesta obra são de inteira e exclusiva responsabilidade dos autores dos respectivos textos.

APRESENTAÇÃO

Em tempos tão difíceis como estes pelos quais passamos, não se pode esperar que as pessoas não queiram mais do que apenas sobreviver, lutar pela vida de seus entes queridos e se agarrar às esperanças que lhes restam de que dias melhores estão no porvir. A História prova como o homem enfrentou momentos como esse em outros períodos e conseguiu superá-los, mas não sem suas devidas provações, superações, reinvenções e, muito menos ainda, sem a ajuda da Arte.

Artistas como Edvard Munch e Frida Khalo expressaram por meio da pintura suas angústias, aflições e anseios de tempos como o da Gripe Espanhola, já outras personalidades, ao longo da história, fizeram uso da literatura para externalizar suas emoções. Tucídides, por exemplo, o historiador grego, ocupou-se de trabalhar em cima da História da Guerra do Peloponeso, enquanto os espartanos e atenienses tentavam entender qual era a praga que assolava a vida dos helênicos na Grécia do século V a.C. Por sua vez, Shakespeare, na Inglaterra elisabetana, em seus isolamentos periódicos devido à peste bubônica, compôs grande parte de suas melhores obras teatrais.

O período pandêmico não é um tempo que deva ser experienciado da mesma forma pelas pessoas e muito menos precisa ser, necessariamente, produtivo ou parte de um despertar criativo nos

indivíduos. Para muitos de nós, é apenas um instante que precisa ser vencido, de profunda introspecção. No entanto, para tantas outras pessoas, a arte é parte da expressão desse ciclo e pode, também, ser usada como forma de transmissão de sentimentos e sensações. Sendo assim, por um lado, com o objetivo de tocar os que apenas precisavam de um afago e, por outro, dar o suporte aos que desejavam se expressar por meio da escrita, o projeto *Dizeres da Quarentena* selecionou produções textuais durante o período de isolamento social, de diversos autores, idades e formações.

A colaboração dos escritores foi de fundamental importância para a realização desse projeto. Enviados entre tantos textos relevantes e inspiradores, a seleção que se apresenta nessa coletânea foi aprovada pela banca avaliadora formada pelos professores do Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras-Português, Campus Santana, e agora é publicada pela Editora da Universidade Federal do Amapá em parceria com a direção do Campus Santana, na figura de seu Diretor, o Prof. Me. Christiano Ricardo dos Santos e da Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras-Português, representada pelo Prof. Dr. Marco Aurélio Rodrigues. O projeto contou, também, com a colaboração externa do Prof. Me. Clebson Assis da Silva.

Abordando temáticas que se desenvolvem desde temas cotidianos, angústias, reflexões sobre o atual contexto social e político do Amapá, crônicas do dia a dia, contos fantásticos, poesias que apresentam um eu lírico fatalista, apaixonado, otimista, desacreditado, os escritos durante o período do isolamento social, em razão do novo

coronavírus, provocam a reflexão e acalentam nesse momento em que ficar em casa é a solução mais eficaz para que a doença não se dissemine e a literatura, como sempre, resgate nossa humanidade.

Os organizadores.

Sumário

<i>César Alencar</i>	9
ARES DE DOR E DE AMARES	10
<i>Bruna da Silva Alves</i>	19
TESTEMUNHO DE UMA MÃE	20
<i>Juivalda Brasil</i>	27
SEM (DIZERES DE) ADEUS	28
CRÔNICA DO AMANHÃ QUE ESTÁ POR VIR	29
<i>Victor Cantuário</i>	31
RE-UNIÃO	32
CINZA	36
<i>Malrício França</i>	41
ROTINA	42
<i>Rosemary de Carvalho Rocha Koga</i>	45
GOTAS DE ORVALHO	46
<i>Mayra de Oliveira Lameira</i>	49
SILENCIOSO MUNDO	50
NOSTÁLGICO MUNDO NOVO	51
<i>Kerllyo Barbosa Maciel</i>	53
QUARENTENA DO DESASSOSSEGO	54
<i>Patricque Marinho</i>	61
INCOMPLETUDE	62
<i>Maria Rúbia Martins Martins</i>	65
DURA A DOR	66
<i>José Fernando de Medeiros</i>	69
SURTOS CORONÁRIOS	70
<i>Laís Alves do Nascimento</i>	73
NÃO É UMA GRIPEZINHA	74
<i>Lucas Rodrigo Uchôa de Oliveira</i>	75
O PESO DO MUNDO EM MINHA MORADA	76

Jadson Luís Rebelo Porto	79
ELES NÃO SÃO NÚMEROS	80
Geovane Rogers	83
PANDEMÔNIO NO PARAÍSO	84
Ana Carolina Silva dos Santos	87
DIAS DE QUARENTENA	88
Fernanda Almeida dos Santos	89
MUDANÇAS? PARA QUÊ?	90
Isaac Vieira dos Santos	91
A CÁPSULA	92
IMORTAIS	94
Emanuelle Yasmim Cabral Sena	95
CRISE EXISTENCIAL	96
Marília Dione Salvador Shibayama	99
MEU EU REAL	100
Clebson Assis da Silva	103
O SER E O DESEJO DO SUJEITO PANDÊMICO HOJE	104
O TEMPO DE CADA UM NA PANDEMIA	105
Danielle Santos de Souza	107
PALAVRAS	108
Wenderson da Glória Usnahua	109
A RESPONSABILIDADE E NÓS	110
Jacke Vaz	113
INEFÁVEL	114
SOBRE VERSOS VICIOSOS	115

César Alencar

ARES DE DOR E DE AMARES

Ontem sonhei com morte. Havia dúzias, centenas, talvez milhares de corpos, não recorro, jogados todos em valas, sem voz. Acordei com as mãos trêmulas, suadas. Fazia calor. Era um inferno.

Abrir a janela, respirar o sol que transpira pela manhã revigora o apelo por existir. A pele nua e sem rugas é um engano. Se não me engano, faz tempo não sonho. Aqueles fantasmas na cabeça... por que estariam na cabeça? Não eram fantasmas. O coração ainda acelerado ansiava por um comprimido. Revigorante ter a solução dos problemas na palma da mão!

Apanhei o celular para saber a hora. Fernando, o gato, enroscou-se pedindo leite. Tantas mensagens não lidas, que mais acontecia? Era impossível ao mundo voltar à tranquilidade da falta de comunicação. Precisava de café para voltar a abrir os olhos, embora teimasse em cegá-los, como salvação. Só de olhar, Fernando me alegrava. Meu gato se expressa melhor que muita gente. Fernando é mais que pessoa e companhia. Onde está o carregador que deixei aqui? Os olhos fechados insistem em continuar vendo. O que tanto procuram? Fecho a tampa da cafeteira, cedo ao olhar poético do felino já cedo. Melhor ligar a TV.

Que entrem os fantasmas! Estão lá fora ou aqui dentro?

Já não pude me escutar, calei.

Há milhares de modos de ver. Da ponta dos dedos à perda de fôlego, o mundo se deixa colorir de emoção. No banho, a água descia e eu florescia. Talvez rejuvenescesse uns dez anos. Lembro-me da primeira vez em que senti meu corpo. A TV na sala contabilizava as mortes do dia. Cheguei mesmo a escutar os sopros de vapor na cafeteira elétrica. Mais de oitocentos casos só nas últimas horas. Senti um leve odor de clorofórmio. Nesse instante, eu sabia estar toda visível com a ponta dos meus dedos. Havia gritos de desespero pelo corredor. A sala da enfermaria era todo o mundo que importava. Lembrei-me da primeira, de outras tantas vezes. Ouço a voz de meu pai a me censurar? Ninguém nos viu. Ninguém me vê. Lá fora só há dor e morte. Desligo o chuveiro desejando, na verdade, continuar degustando minha letargia.

As mortes voltaram à cena. Havia dúzias, centenas, milhares por certo. A TV continuava a contabilizar a incapacidade do governo em lidar com a pandemia. Ele, o governo, era incapaz de lidar consigo mesmo, e para isso não havia contabilidade possível. Notas de repúdio pelas janelas. Vergonha. Dele, claro, porque não sinto qualquer pudor em sair do banheiro com a janela aberta. Cômico, se não fosse trágico. Mania de brasileiro achar que sabe demais. Não podemos ver tudo, por isso deixamos as janelas abertas.

A vantagem de morar só era poder terminar o café ainda nua. A sensação de liberdade é indescritível. Só sinto, sinto muito. Desligar a TV é preciso, fantasmas continuam a entrar. Às vezes é preciso deixar falar o silêncio. Nem há tanta coisa assim. Na sala, apenas um sofá de dois lugares, uma luminária de pé e a pequena estante ao lado da TV.

Fernando não é mobília, mas compartilha comigo dessa solidão. Há tufos de poeira ao lado da mesa. Talvez a necessidade de limpeza seja mais interna, psicológica, talvez esse espaço seja melhor do que o de muitos. Certamente nada pior do que sou.

O tempo é arredio à esperança.

Ninguém me vê. Mas há tantas mensagens já essa hora! A alma se dispersa como gotas, algumas que ainda colam no meu rosto. Talvez lágrimas. Como um rio, correm os dias. Alívio são dias em que nada ocorre. Hoje será um dia daqueles. Queria tanto poder não fazer nada. Só queria poder continuar em casa como estive faz umas semanas, essa doença desgraçada. Quinze dias isolada das dores do mundo. A solidão era o melhor remédio. Há agora cada vez mais gente de volta às ruas. Ninguém aguenta mais. Cada vez mais pessoas de volta ao barro. Nem sempre aquelas que do barro jamais deveriam ter saído.

O que Marcelo fará a essa hora? Espero ler alguma mensagem sua, com aquela voz que só ele tem, que só eu consigo escutar, me dizendo doer o peito por mais um dia sem minha companhia. Só eu consigo escutar a falsidade daquela dor, mas deixo que ela me conforte, como um banho – rejuvenesço. Desde que tudo isso aconteceu e nos afastou, desde que ficamos isolados cada um em seu território, sinto falta do seu cheiro, das suas falsidades. Provavelmente ele procurará suas formas de rejuvenescer.

Amores são como rios: não é possível mergulhar duas vezes sem parecer idiota.

Qualquer hora me emputeço.

Viver é preciso. Que seja com café. Fogem os fantasmas, as contas a pagar. Outra vez esse boleto da dívida de um carro que já nem tenho mais? O samba da propaganda na TV borbulha minhas memórias de carnaval. Belos tempos. Quero ver se recupero a estima por dias melhores. Mas sou pessimista por natureza. E estou em ritmo Lana del Rey essa manhã. Pior para mim; não há mais nenhuma nota que preste.

A primeira vez em que mergulhei tão fundo, era uma garota ainda. O que sabem da vida as garotas, iludidas com tantas flores? Estava acompanhando mamãe ao hospital, quando nossos olhares se cruzaram parecia haver me suspenso à eternidade. Sem tempo para continuar ali, ele se foi e eu me parti. Voltei a encontrá-lo duas semanas depois, acho que não fui reconhecida, pouco importava para ele.

Eu queria. Voltei outras vezes, porque mamãe precisava de acompanhamento. Resisti o quanto pude, mas não pude mais resistir, então o olhei nos olhos, perguntei se sabia onde estava o doutor Afonso, ele desculpou-se me pedindo para não entrar sem bater em sua sala. Desculpei-me, não resisti em dizer que na verdade estava ali para vê-lo, que estava apaixonada, que queria ao menos saber se poderíamos beber algo depois daquilo tudo. Ele riu, bem, acho que sorriu, estava de máscara, sei que sorriu e me deixou seu telefone.

Um rio caudaloso de prazer deságua na imensidão perdida da indiferença, mais dia menos dia. Quando dei por mim, daria o que fosse preciso para esquecê-lo.

Mas jamais esqueci aquele cheiro de clorofórmio. Jalecos são parte da minha vida agora. Marcelo também é um deles. Eu não escolhi a enfermagem. Fui seduzida. Mamãe sempre transpareceu orgulho em me ver a caminho do hospital. *Seu trabalho é dar vida*, dizia. Eu nunca quis ter filhos. Mas entendi que dar à luz devia ser tão mágico quanto recuperar a saúde de alguém. Só quem já tomou um cadáver nos braços, tendo sido incapaz de lhe ajudar, sabe bem o valor de um sorriso.

Mãe, mãe? Você tá legal? Não escuto direito, a ligação está péssima! Mãe, quem está aí com você? Escuta, mãe... fica calma, respira... como pôde? Ao menos isso! Estou indo, respira fundo, não vá a nenhum lugar sem mim, ouviu? Eu sei, mas quem é ele para dizer isso? Respira, mãe... quer escutar sua filha ao menos uma vez na vida? Que morrer, vira essa boca pra lá! Aguenta... eu sei, já disse, tô chegando. Não faz nenhuma burrada, ouviu? Respira... te amo.

Não há orgulho algum em morrer. Era preciso desligar a TV, horas demais convivendo com aquela rotina desgastante – doença desgraçada, meu Deus! Como posso continuar assim? A voz de minha mãe embargada, se despedindo com aquela serenidade dos anjos, parte meu peito em dois, em trinta e dois, em migalhas. Naquele dia fúnebre, Marcelo era o médico de plantão. Abracei-o aos prantos, mal o conhecia. Seu colo me confortava ao perder meu colo materno.

Sete dias depois, ele apareceu na missa de despedida. Trocamos olhares ternos e telefones. No dia seguinte, trocávamos suores e salivas. Ainda não me recuperei das dores, mas os prazeres ajudam. O cheiro de clorofórmio não pode me sufocar por mais tempo. Depois de sete

meses, ele ainda me manda áudio. Trocávamos salivas e falsidades até que tudo isso aconteceu com o mundo. Desde então, apenas áudios e falsidades. Esperava mais, verdade, só que não posso transformar minha cama em sepulcro. Ele partiria, eu me partiria.

Todos se foram, e eu insistindo.

Qualquer hora me emputeço.

Calça jeans e blusa verde, suficiente para seguir em frente. Sem maquiagem nem perfume. Não, é preciso um pouco de perfume. Nenhuma mensagem de Marcelo. Faz já uns dias ele se faz de bom moço. Aquela voz adocicada, como se precisasse se justificar. Amor não se justifica. O tempo é curto. Para ser pontual, vou de metrô. Para quê batom, se na boca essa máscara? No caos, não vejo beleza. Foi só o tempo mesmo de respirar o aroma dos jardins vazios de transeuntes essa manhã.

Nada dura. Sobretudo o prazer, que é flor das mais delicadas e arredias. Portas fechadas e olhares sem rumo, pareço ver fantasmas. Talvez fossem anjos, vestes alvas e mãos ágeis, doadoras de vida. Eu não mereço tanto – desgraçada, meu Deus! Como permitir continuar salvando tantos, quando eu mesma me perco? Talvez haja uma lógica diabólica na alma que não se vê, a quem só vê o que está a um palmo do nariz, com os olhos cruzados, em formas disformes, em caos. São tantos corpos fantasmagóricos! Ouço gritos de pavor e de sofrimento, mas há esperança, tem de haver esperança para além de tanta gente da fila à espera de um leito, de um colo, de salvação. Mas sou pessimista por natureza.

A esperança é arredia ao desespero.

De volta ao hospital, mergulhada no caos, era o tempo apenas de pôr as vestimentas do bom combate. Guardar a fé é preciso. Para viver, dúzias de pessoas idosas esperneiam na tentativa de comover os médicos. *Como assim os mais jovens têm prioridade?* E tudo o que tenho, e tudo o que sou? Desde quando os jovens são importantes? Uma senhorinha, mais escandalosa que a maioria, não dava tréguas a nada ou a ninguém. Mergulhados no caos, uns choravam, outros fingiam indiferença. Era só o início do plantão.

Respirei fundo. Vanessa cutucou-me irônica, mostrava outros dois carros que, parados à porta da entrada de emergência do hospital, fazia descer novas vítimas do caos. Alex, um dos médicos que deixava seu turno, avaliou precisar de pelo menos umas duas caixas de tranquilizantes para poder dormir hoje em plena luz do dia. *Quando fecho os olhos, há fantasmas demais*, me confessou. Sei bem quantos há.

Mais um carro encostava à entrada do hospital. Um jovem carregava uma mulher, devia beirar os sessenta anos, rosto avermelhado, o peito tremulava pela falta de ar. Vê-la assim fez-me recordar minha avó, fez-me olhar minha mãe. Correu o quanto pôde, gritava aos quatro cantos do mundo por uma salvação. A senhorinha escandalosa de antes ficou em ver talvez um sofrimento maior, em ver talvez que outra vez a juventude parecia tomar à frente, resmungou mas não teve voz. Dessa vez as atenções estavam todas sobre o rapaz que carregava a mulher sem ar.

Não temos leito. Poucas vezes as palavras cortam mais que faca, uma profundidade nunca sentida em carne viva. A dor da ferida verbal lacera a esperança, o tempo, o amor. *Minha mãe precisa respirar, agora!* O rapaz, como um Sebastião mártir, sentia no corpo as lâminas que alvejavam tudo o que tinha de valor. Palavras afiadas. *Não temos leito.* As limitações para salvar criam uma revolta semelhante a que perturba em não poder voltar atrás no que se acaba de dizer ou fazer. A poesia e a morte são irreversíveis, e se pretende vencer a última com a primeira. Só que viver para favorecer não a poesia, mas a morte, é revoltante. Tenta-se gritar contra governos e instituições, mas a voz embarga. *Não temos leito.* As palavras alvejavam aquela vítima com a pior das dores: a da impotência.

O rapaz, abraçado à sua mãe sentada aflita, só a muito custo deu-se conta de que ela lhe pedia calma, com um olhar sereno, embora o corpo se movesse no ritmo da necessidade de evitar o último suspiro – irreversível. Com gotas derramadas sobre o rosto, os olhares de todos sobre ele, o jovem compreendeu que a vida escolhe a hora de partir. Sua mãe em lágrimas deixou-lhe o desespero, e o desespero justificava o estrondo de dor que sua voz repercutiu naquele pequeno espaço de caos. Eu só queria poder continuar em casa, isolada das dores do mundo.

A impotência comove corações feitos de carne. Viver é preciso. Fui até ele e o abracei, dois seguranças e o enfermeiro Vinícius retiravam o cadáver. Havia ali choro e ranger de dentes, e o rapaz se

despedaçava em meu colo. Não era um mártir, era só um fantasma do que um dia ele pensou que seria.

Outras cinco vidas murcharam naquele mesmo espaço até que terminasse meu plantão. O rapaz, ainda ali, reconheceu-me quando eu saí. Não podia abraçá-lo outra vez, não estava protegida. Quem poderia me salvar? Ele apenas se achegou, ofereceu um papel com seu telefone. Queria que eu estivesse no enterro de sua mãe. Meus pesadelos voltaram três dias depois, porque eu tinha esquecido de tomar o calmante.

Não pude ir ao enterro, mas compareci à missa do sétimo dia. No dia seguinte, trocávamos suores e salivas. Estávamos imunes ao caos. Nas mensagens, Marcelo continuava doce e bom moço, mas eu não queria justificativas. O rapaz não era médico, mas soube bem de que maneira rejuvenescer meu corpo enfermo. Era um inferno.

Ainda não me recuperei das dores, mas os prazeres ajudam.

Bruna da Silva Alves

TESTEMUNHO DE UMA MÃE

Bom, primeiramente vou confessar que nunca em minha vida imaginei eu ser mãe, apesar de ter tido uma que era maravilhosa, batalhadora e amorosa, infelizmente perdi ela muito cedo, e sentia que aquele dom que ela tinha não me pertencia. Diante disso, tive que começar a trabalhar muito cedo e ter mais responsabilidade também, e a ideia de nunca me tornar mãe se concretizava a cada dia.

Mas no ano de 2010 conheci uma pessoa com a qual me identifiquei e que principalmente podia ser eu mesma sem precisar me disfarçar de outro alguém para agradá-lo. Dessa forma, acabei me apaixonando, me entreguei profundamente e me casei. E adivinha só, ele despertou em mim aquilo que vim negando a vida toda, a vontade de ser mãe. Quem diria.

Enfim, em 2013 tive a honra e a responsabilidade de ser mãe, e é incrível porque tudo que você pensa que jamais conseguiria fazer estando nessa posição, acaba encarnando em você automaticamente ao simples movimento daquele feto em seu ventre. O meu primeiro bebê foi uma menina, e, acredite ou não, eu sempre soube que seria uma princesa, eu sentia, não sei explicar. O que não sabia e muito menos imaginava era que em 2017 ganharia mais uma bênção em minha vida, mas dessa vez foi um menininho, um pequeno príncipe.

Sim, isso mesmo, para alguém que nem imaginava que seria mãe um dia, agora eu tinha dois filhos. Que emoção tudo isso! Não sei se acontece com todas, mas comigo foi assim, eu me transformei por dentro, sabe? O amor tomou conta de todo meu ser como se minha vida não me pertencesse mais, e não mesmo, pertencia unicamente a eles.

O tempo passou e estávamos no ano de 2020... Foi o auge da minha “carreira” de mãe! Enquanto minha filha mais velha estava indo para o 1º ano do Ensino Fundamental, o mais novo, com apenas 3 aninhos estava começando a vida escolar.

Meu Deus! Fiquei louca! Era um misto de sensações, medo, alegria, um milhão de pensamentos que me atordoavam...

Ufa... mas passou! Tudo ocorreu muito bem, era só uma paranoia de mãe, e para quem não sabe, isso é normal, ha ha ha.

Não... não! algo mudou, uma angústia tomou conta de mim, e foi a partir daí que tudo começou. Quando pensei já ter vivido o auge de sensações que uma mãe poderia viver, descobri que NÃO.

Nesse mesmo ano, logo após o início das aulas, uma pandemia aconteceu, um vírus muitas vezes letal denominado COVID-19 se alastrou tirando muitas e muitas vidas pelo mundo todo, por todos os países, e o Brasil não ficou de fora.

Contando assim parece até mentira, parecia improvável que um vírus tomasse essa proporção toda em pleno séc. XXI, com a tecnologia em ascensão. Mas o grande problema é que a saúde sempre foi esquecida, e quando os governantes do mundo todo tiveram que

investir na saúde às pressas por conta da pandemia, já era tarde demais para muitas vidas que já haviam sido perdidas.

A melhor prevenção encontrada naquele momento de caos total, visto que a vacina contra o vírus ainda não tinha sido feita, era o distanciamento social. E no Brasil, especificamente, esse método não era respeitado pela maioria, nem mesmo pelo próprio presidente, triste. A frase que mais se ouvia falar em todo lugar era “se puder fique em casa, mas se precisar sair, use máscara”, mas parecia ser em vão, não era o que se via pelas ruas.

O vírus foi se espalhando cada vez mais, e quando alguém estava com suspeita ou confirmado que estava infectado e apresentasse sintomas graves, era rapidamente transferido para um centro de atendimento especial para esses casos, e a partir daí, não era mais possível o contato com nenhum familiar. Muitos em estados mais graves tinham que ser entubados e na maioria das vezes morriam logo em seguida, o corpo era levado diretamente para o cemitério e enterrado, sendo proibido o velório. E assim se acabava a vida de muitas e muitas pessoas, sem sequer uma despedida digna. Isso é terrível só de se imaginar, mas era a realidade naquele momento!

E onde a minha história de mãe entra em tudo isso?

Bom... o maldito vírus chegou em minha casa também, como? ainda não sei, mas chegou. Tomava todos os cuidados do mundo, mas meus filhos acabaram contraindo a doença. Começaram a apresentar os sintomas mais graves e tive que levá-los às pressas ao hospital, o que não era recomendado se apresentassem sintomas mais leves.

Chegando lá, na sala de atendimento recebi a notícia de que minha filha e meu filho teriam que ser internados e transferidos para o centro de tratamento, ou seja, eu não teria mais nenhum contato com eles. Nesse momento, “meu mundo caiu”, ali mesmo desabei, um medo profundo tomou conta de mim, um aperto corroeu meu coração, eu parecia entalada pelo choro, tudo em minha volta estava escuro, perdi o chão, não sei, é impossível descrever o que senti, impossível! Só sabia que não podia me permitir ficar longe de meus filhos em uma situação como aquela. Então eu os abracei com toda minha força, e nada e nem ninguém naquele lugar poderiam me fazer soltá-los.

Depois de muita insistência, e visto que também poderia estar infectada sendo que tinha contato direto com eles, acabaram cedendo e acabei sendo transferida junto.

Estando dentro do centro de tratamento, pude ver cenas lamentáveis, situações que não desejaria nem para meu pior inimigo, e também tive a oportunidade de estar ao lado de meus filhos, mesmo que não pudesse fazer muita coisa por eles, e vê-los naquela situação, sem conseguir respirar, com dor, gemendo, era assustador, parecia o fim de tudo, não sabia se conseguiríamos sair dali todos juntos, só sabia que aquele momento jamais se apagaria da minha cabeça.

Depois de alguns dias, minha filha e meu filho foram apresentando melhoras e parecia que seríamos uma das poucas famílias que tiveram um final feliz diante de toda aquela situação. Nunca pedi tanto algo a Deus, quanto pedi a cura de meus filhos e dizem que

oração de mãe têm duas vezes mais força. Agora mais do que nunca acredito nisso. Pedia...

“Meu Deus, me prostro mais uma vez diante de ti em oração para lhe implorar meu Senhor, do fundo do meu coração e com toda força do mundo que uma mãe há de ter. Restabeleça a saúde de meus filhos, Senhor, e permita voltarem a serem as crianças alegres e inteligentes que sempre foram, com um futuro longo e incrível pela frente meu Deus. Permita meu Senhor que isso aconteça, permita Senhor. E se for meu Deus de sua vontade que não seja possível, peço com toda a minha força, se for para alguém encerrar a sua caminhada aqui na terra, que essa pessoa seja eu meu Deus e não meus filhos. Te imploro Deus todo poderoso, te imploro!”

E assim se fez, minha prece de mãe foi atendida e minha filha e meu filho foram para casa e agora estão muito bem.

Já eu? Tive uma piora em meu quadro de saúde, acredito que toda força que estava tendo era unicamente para cuidar dos meus filhos, fazendo com que eu não permitisse me entregar a nenhuma dor ou sintoma mais forte que já estava começando a sentir, e quando vi que já estavam bem, prontos para voltar pra casa, não resisti, parecia esgotada, fraca, sem força mais nem sequer para viver.

E assim aconteceu, dois dias depois da alta dos meus filhos eu MORRI.

E diante de tudo isso que aconteceu, sinto que cumpri mais do que nuca meu papel de mãe. Entreguei minha vida no lugar da deles, e

faria isso quantas vezes fosse necessário, apenas para vê-los bem e com saúde, vivendo a vida que sempre, desde o primeiro momento que me entreguei à essa bênção que é ser mãe, sonhei e planejei que tivessem.

E só tenho a agradecer a Deus por ter permitido que eu tenha vivido tamanha graça. Obrigada Senhor!

Judivalda Brasil

SEM (DIZERES DE) ADEUS

Chega a notícia fatal.
Não deu no rádio, nem no jornal.
Partistes sem meu adeus.
Em meio ao eco surdo das vozes
Que murmuram o seu fim
E o meu.
Sem direito a adeus
Flores ou velas.
Apenas o som da sirene
E o meu vulto na janela
Sem o calor do abraço desta hora
Deixo escorrer pela face gotículas salgadas de dor,
Que sequer podem ser enxugadas
com o dorso de minha própria mão.
Segues sufocado pelas palavras
Que deixastes de dizer.
Permaneço emudecida diante do vazio
Que descubro que é viver.

CRÔNICA DO AMANHÃ QUE ESTÁ POR VIR...

Já coloquei o sono de dois anos em dia.

Quando acabar isso tudo, vou ficar entrando e saindo de casa só para fazer uso do direito de ir e vir .

E nada de partiu!!

A palavra da moda será, cheguei!

Retomarei as emoções ao invés dos *emojis*.

Vou sair sem rumo!! Nada de *Check in* ou *Check out*.

Entrar e sair dos lugares como fazem os turistas. Admirando, minuciosamente cada detalhe. Como se quisesse guardar na memória para viver de novo depois.

E nem adianta me chamar em *live*. Não vou dar trela para esta telinha.

Vou tomar banho na chuva sem fazer *self*. Perde-se tanto tempo escolhendo qual a melhor foto para postar, quando o que deveríamos era simplesmente aproveitar o momento.

Vou tomar sorvete de tarde, caminhando na praça. Sem marcar ninguém! Vou mesmo é marcar com alguém para tomar o sorvete. E nem conte em saber minha localização pelo *Google Maps*. Sairei sem

rumo traçado. A esmo, sem medo de ser encontrado ou de me perder, pois o que interessa é saber que se pode ir.

Não postarei textão no *face* ou no *whatsapp* dizendo de meus planos, sentimentos ou desejos. Antes procurarei pessoalmente meus amados, amigos, desafetos e amantes para selarmos um contrato de silêncio de agora em diante.

Ah, e ainda nesta tarde ensolarada, escreverei uma carta em um papel perfumado e enviarei por mensageiro a um de meus amores secretos, daqueles que a gente ama e nem precisa ser amado, sem *stalker*, sem *crush* ou perfis *fakes*.

Big Brother Brasil para mim será assistir de camarote a briga dos vizinhos depois da costumeira bebedeira de final de semana e quem sabe participarei como convidado especial. Persistirei em meu desejo de emagrecer malhando. Desta feita correndo na rua, na praça em frente ao meu Rio mar Amazonas, no entorno do Forte, nas ruas acima e abaixo desta terra linda. Nada de esteiras ou filtros de lugares inexistentes. Quero sentir o calor do sol do Equador.

Quero ir a uma roda de Marabaixo e me deixar levar pelos remexos e requebros dos dançantes. Percorrer o salão arrastado pelo som da caixa e o canto de libertação e clamor entoado por Tia Biloca, rendendo homenagem a quem partiu e a quem resistiu a este tempo de pavor.

E no calar das caixas e das vozes, quando eu enfim for me aquietar nos braços de Morfeu , que eu vá acompanhada de alguém carinhoso e que saiba que da vida só se leva o que viveu!

Victor Cantuário

RE-UNIÃO

Como estás?

Não, como realmente estás?

Vê como as palavras serpenteiam?

Realmente.

O que isso significa agora?

As crianças corriam pelos corredores.

Curioso, corriam pelos corredores aos gritos em suas vestes de domingo.

Poderiam rodopiar ou dançar ou velejar,

mas parece adequado dizer que corriam pelos corredores em suas vestes dominicais, depois da igreja.

Corriam enquanto nos diversos cômodos da casa outras coisas aconteciam:

Na sala, opiniões sobre o governo, sobre a economia;

No quarto, adolescentes escondendo beijos, e desejos, e volúpias prematuras;

Na cozinha, mais adultos atualizando a carta de bebidas e o menu da refeição,

no meio de tanta fartura,

purê para unir os grãos e molho para suavizar o gosto das carnes.

Um cântico é entoado pelos arrumadores no quintal extenso,
revestido por uma camada macia e bem aparada de grama.

A convocação interrompeu a correria infantil pelos corredores;
a conversa adulta na sala;
a intimidade adolescente no quarto;
premiou os esforços da equipe da cozinha.

Todos re-unidos ao redor da grande mesa.
Um verso pagão em agradecimento aos frutos da terra,
enquanto a terra ainda frutifica,
isso pensam os humanos,
mas a terra apenas segue o movimento natural de se expor.

Todos os acontecimentos relatados no interior da casa,
uma residência secular de estilo barroco,
habitada por gerações de patriotas e subversivos,
vozes dissonantes compartilhando o mesmo sangue
agora tomavam lugar ao redor daquela mesa.

Carícias juvenis corriam por debaixo da mesa;
Receitas elegantes eram repassadas de um ao outro membro da equipe;
Crianças travavam guerra com os grãos –

a única guerra permitida na família

desde o incidente envolvendo um pai que se dizia patriota

e um filho que se dizia patriota, cada um vendo ao outro como subversivo –

intrigas e desentendimentos cujo palco foram aqueles anos de atos desatados;

Adultos trocando opiniões a respeito da gestão econômica, da relação dos três poderes,

das bandeiras coloridas que simbolizavam os ideais de cada um,

mas, curiosamente, as divergências não produziam conflitos,

não mais naquela família que aprendeu a lição do acreditar e seus perigos.

A única guerra permitida era a das crianças com a comida.

Aquele era mais um domingo, não o domingo de nosso Senhor.

Só mais um domingo.

A lição do acreditar deixou sua marca na definição das coisas:

senhores, bandeiras, verdades. Palavras difíceis, delicadas, perigosas.

Um domingo de conversa, de receitas, de desejos juvenis,

de criancices ponderáveis, de adultos opinando.

Naquele domingo, naquela família, naquele momento,

todos eram sobreviventes de uma catástrofe.

Todos eram conscientes do fardo que carregavam,

suas vidas foram poupadas, mas as de milhares não.

Rumores corriam de covas rasas e muitos caixões,
Irmãos de vida, irmãos de morte,
lado a lado compartilhando seu silêncio radical.

Naquele domingo, apenas um domingo, não domingo do senhor,
Aqueles pessoas olhavam para si,
olhavam para o céu, sentiam o farfalhar do vento e agradeciam,
agradeciam pelo luxo da frivolidade de seus atos, palavras, vontades,
desejos.

Um caro luxo que esta terra,
apenas seguindo seu caminho natural,
guardou de milhares de rostos de adultos que não mais poderão opinar;
de crianças que não mais poderão correr pelos corredores em suas
roupas de domingo;
de jovens que não mais poderão desejar;
de outros adultos que não mais poderão brindar.

Naquele domingo, naquela mesa, aquelas pessoas...

CINZA

Prólogo

Nada disso faz sentido. Absolutamente.

Quer dizer, você tem escutado toda essa dor,
sentido essas lágrimas, esses gritos pálidos.

Quantas vezes isso já se repetiu e quantas vezes ainda vai se repetir?

Evoluímos? Realmente evoluímos?

Em que grau, aspectos, níveis?

Porque me parece que nossos olhos estão na frente do rosto, mas só
olham para trás.

Parte I

Nada disso faz sentido.

Talvez nunca tenha feito.

Não temos feitos a realizar ou algum tipo de missão divina.

Não somos predestinados a grandezas ou nascidos para milagres.

Nós criamos essas mitologias e agora não conseguimos nos livrar delas.

Viver na ilusão, é o que temos feito.

Porque não veríamos a verdade, seja lá o que isso signifique,

nem se ela estivesse trajando algum ornamento escrito “eu sou a verdade”.

Nada disso faz sentido. Absolutamente.

Se quiser prosseguir nesse ciclo composto de ciclos chamado História,
Não se incomode com mensagens secretas, profecias ou sinais nos sonhos.

Não leia cartas, não deixe alguém ler sua mão.

O que hoje nos atormenta, porque essa é a narrativa que defendemos,
Sempre esteve aí e permanecerá quando deixarmos de ser,
quando nos tornarmos pó.

Parte II

Você não vê:

Nós somos o problema,

A única espécie que escreve, que deriva línguas,
e a única que não exercita a arte do entendimento.

Nós somos o problema,

No entanto, escolhemos nossos próprios culpados
porque essa versão da história é a mais cômoda e fácil de se aceitar:
A milenar e antitética batalha pelo bem e contra o mal.

Nada disso faz sentido. Absolutamente.

Ouçã esses lamentos hoje porque amanhã eles se repetirão e daqui a um século novamente.

A dança sensata da morte é a única que nos pode dar bom senso.

Deveria, mas quase chegamos a acreditar que viveríamos milênios como aquelas arrogantes personagens daquelas fantasias daquele livro de nome grego editado, mastigado e cuspidado tantas vezes que muitas pessoas ainda acreditam que são reais porque querem que sejam.

Não há de ficar tudo bem. Absolutamente, não há como.

A força que alimenta o mundo humano,

que despeja vontades,

que suspende desejos,

que supera ideais,

que esmaga a decência,

essa força que devora o próprio do humano

não permitirá que tudo fique bem,

que um outro normal se instale, não!

Será o mesmo de antes potencializado por uma pesada carga de angústia.

Não há um novo como em uma nova humanidade.

Não aprenderemos a lição do cuidado, da paciência, do respeito, da responsabilidade e do perdão.

Será o mesmo de antes porque é o mesmo de sempre do tempo que contamos.

Fomos no ontem e seremos no amanhã o mesmo animal estúpido que somos hoje.

Nada disso faz sentido. Não faz...

Nada disso faz sentido. Absolutamente.

E quando mais esses impérios que conhecemos
e aos quais devotamos nossa força vital
e emprestamos nosso entendimento para que existissem,
quando esses impérios se tornarem cinzas
tudo há de reiniciar porque absolutamente
nada disso faz sentido,
e não desgaste o lugar-comum do pessimismo *versus* otimismo
para ler o que contraria frontalmente a sua opinião.

Epílogo:

No futuro, há um vírus
operacionalmente superior aos nossos mais notáveis avanços
tecnológicos
e ele nem precisará pensar em complicadas estratégias para nos
destruir:
um de seus mensageiros já penetrou na nossa arrogância,
desestabilizou nossas economias,

pôs de joelhos nossos sistemas de saúde,
escancarou a histórica desigualdade que existe entre nós,
des-mascarou nossas maiores fraquezas,
mas ainda há quem não tenha percebido.
No futuro, há um vírus esperando
e esse que está aí agora é apenas um de seus arautos mais devotos
abrindo os caminhos, aparando a estrada
para aquele que virá.

Malricio Franca

ROTINA

Sentir saudade

Faz ter a impressão

De que estou vivendo pela metade,

Pois sei que viver por completo

É viver o instante presente,

Diferente da forma que tenho vivido.

Tenho a sensação

De que todo dia é parecido com

O anterior.

Ando perdido nos dias da semana,

Incomodado com tanto tédio

E calor.

Tenho dormido e acordado,

Almoçado e jantado,

Procrastinado,

Mas acima de tudo trocado o dia pela noite,

São madrugadas que me ocupo em pensar

Até cochilar,

Ou até enjoar,

As vezes nem eu aguento o que penso,

É tenso me sentir assim,

Achar que a todo momento chegará o fim.
Talvez por isso eu sinta tanta saudade da minha rotina
Porque ela não me deixava parar
E nem dava tempo pra eu me preocupar,
Com ela eu passava algumas noites quieto,
Com ela eu vivia por completo.

Rosemary de Carvalho
Rocha Koga

GOTAS DE ORVALHO

Hoje é um dia como outro qualquer. No banho, o vidro embaçado de vapor d'água pede sempre um desenho com a ponta do indicador. O gato já me espera na porta, ganha uns afagos, sua comida e seu potinho de água. Preparo meu café da manhã, o vapor do café coando me lembra da infância quando minha avó o preparava, o cheiro de café torna esta lembrança viva até hoje.

Já no carro, dirigindo sentido ao hospital, noto as pequenas gotas no para-brisa, do friozinho da noite, com o vento elas se unem e escorrem pelo vidro. A rua calma e tranquila revela o oposto do que costumo enfrentar. Nas paradas obrigatórias é possível ouvir até o canto dos passarinhos. Inclusive, é melhor desligar o rádio, as notícias nada animadoras só reafirmam o que eu já previa.

Chego em frente ao hospital, vejo todo dia os mesmos olhos, tem todo tipo de gente, do mototaxista a vendedora de mingau. Ela parece gostar de dançar, quando não tem ninguém comprando, a vendedora fica olhando para os pés, enquanto se movimentam numa discreta sincronia. Calado, o porteiro deu bom dia apenas com os olhos. Estou observando muito a linguagem do olhar, é o que se consegue, quando todo mundo está de máscara.

No posto de trabalho, eu sou logo recebida por uma pilha de prontuários na mesa, que me pressionam a começar a labuta. Ali deve

ter banho de leito, troca de lençóis, curativos, injetáveis, exames ou algum tipo de coleta. Nas enfermarias, vejo olhares tristes, alguns estão vermelhos, outros marejados, outros fechados, alguns parecem lutar para abri-los.

Dentre os pacientes, há uma jovem, acho que não se sente muito confortável com o título de "paciente". Por vezes, ela finge nem estar ali, ou então quer suco com gelo, já em outros momentos, ela se constrange e pede desculpas pelo conteúdo da fralda. Eu até brinco, mas sorrisos estão escassos por aqui, é preciso atentar para o olhar, se está esbugalhado, piscando, se as sobrancelhas gesticulam ou se o cantinho do olho preguea.

Uma hora dá para ficar bem, mas em outra dá um desespero, alguns pacientes não estão mais no leito. Teriam ido para casa, estão em paz tomando chá de erva cidreira com rosca dura, prefiro me iludir assim.

A profissão me ensina a ser forte, a persistir e ter esperança. Mas hoje, eu não consegui, eu fui fraca, eu desisti, eu perdi a fé. O moço do leito próximo da janela, esperava para conhecer seu filho que nascera, a esposa esperava por ele para que a ajudasse, o bebê aguardava o seu colo.

A vida é como uma gota de orvalho, ela existe todos os dias, por mais que nem seja apreciada. Todavia, se o clima esfria, aí sim ela é notada. Tal como é a vida, só se dá valor quando ela esfria, quando há

o risco em perdê-la. Valorize o hoje, os pequenos detalhes, as pessoas, o andar, o falar e, principalmente, o respirar.

Mayra de Oliveira
Lameira

SILENCIOSO MUNDO

O mundo parou, a rotina estagnou e a vida aterrorizou aqueles que na terra ficaram. Em meio a um caos que paralisou toda uma nação, surgiu um tempo de pura reflexão. A vida que antes andava tão depressa, hoje não tem pressa de a rotina voltar, hoje assistimos a terra através da janela, hoje estamos vivos, amanhã jaz mais um ente, pois sobrevive aquele que é prudente, ou aquele que luta bravamente contra a enfermidade sombria, e aí se colhe a nostalgia de tudo aquilo que um dia fazia-se em correria. Quem diria que os abraços ficariam escassos, as visitas indesejadas, e no amor aquebrantado ficariam os laços, isolar-se acabou por se tornar a mais sublime eficácia do vírus que se alastra no silencioso mundo atual.

NOSTÁLGICO MUNDO NOVO

Apressa-te em acordar, corre para o banho, toma um café, o ônibus já está partindo, para quem tem carro é luxo e conforto, por isso vou demorar um pouco. Vejam, as horas já se passaram, finalmente estou em casa, mas oras bolas! Já é noite, tenho que dormir e amanhã tudo de novo. Mas houve um dia que eu acordei e ninguém precisava mais dos meus serviços, mortes e mortes, mas agora, sim, eu tenho tempo, de ver o vento, de escutar os barulhos do céu, de ver a cativante família que floresceu, tenho tanto tempo que nem sei o que fazer com ele. E agora, vejam, sinto saudades dessa vida agitada, quem diria que a nostalgia se faria presente? Quando será que a terra vai se curar?

Kerllyo Barbosa Maciel

QUARENTENA DO DESASSOSSEGO

Não consigo ligar a tv. Um ato tão simples. O controle está na minha mão direita, eu o sinto, tem o mesmo peso do meu celular. Ouço minha respiração. Ouço meus batimentos cardíacos. Posso até escutar o pingar d'água do vazamento da pia da cozinha que amanhã eu irei consertar, talvez. Ou não. Estou sozinho em casa. “Sinfonia de uma noite inquieta”.

“Penso se tudo na vida não será a degeneração de tudo”. Esse escrito me levou ao seguinte pensamento: esta pandemia não seria, metaforicamente, a revelação de que o Homem está, há muito, se degenerando. Nossas virtudes, alma e espírito podem estar em estado permanente e avançado de putrefação, e ainda sentimos o doce aroma das flores da primavera. Nosso ego e vaidade serão as únicas misérias humanas que não sucumbirão ao caos e lodo de incompreensão que paira no universo mesquinho de cada um.

Como pode, ontem não tínhamos tempo para nada, digo nada daquelas atividades prazerosas, em especial. Hoje, porém, nem sabemos o que oferecer a este ilustre visitante que, aliás, já se tornou anfitrião. Que quarentena sem vergonha. Estou cada vez mais convencido de que uma boa insônia e um bom livro são indispensáveis

aos que cultivam um pouco de desgosto pela sociabilidade, convenção inevitável da vida urbana dos dias atuais.

Cheiro de éter. Acho que eu estava em isolamento muito antes da obrigatoriedade. Nunca visito ninguém, ninguém me visita. Só desta forma consigo visitar a mim mesmo. E essa experiência, confesso, tem sido ultimamente demasiado desagradável, constrangedora. Que porra é essa!? Só quero ligar a tv. Nem gosto da sala, menos ainda de ver televisão. Mas eu quero, quero obstinadamente ligar a tv. Letargia. Pálpebras semimortas. O frio aumenta com o avançar da noite. Estão falando de mim, pena que a distância das vozes não me permite saber do que se trata. Que se dane! Mas é sobre mim, disso não duvido, ninguém tem um nome tão estranho num raio de um continente. Estou sozinho em casa.

Olho fixamente para minhas duas mãos só para conferir a quantidade de dedos de cada uma. Alívio. Me certifiquei de que meu corpo não havia se *metamorfoseado* em um *inseto monstruoso*. Com esforço consegui visualizar o relógio de parede acima da tv; duas e quinze da madrugada. Não recordo o motivo nem a origem que me levou a esta condição. A tv ligou sozinha. Agora ficou interessante. Meus dedos não se moveram. Me sinto estranhamente confortável. E isso me desconforta. A imagem está embaçada, o áudio é ruim. Não é possível entender o que está passando. Estático. Qualquer um que ousasse me brechar neste momento contemplaria uma cena perturbadora, e certamente que não teria um resto de noite tranquila.

Minha boca está seca. Estou com muita sede. Se não consigo apertar um botão, é certo que não chegarei até a cozinha. Preciso dar um fim nesta situação. Ouço sons que antes não ouvia. Aquela conversa sobre mim está mais próxima, o tom é sério. Estou com sede. Quero desligar a tv, é irritante não entender o que se passa a sua frente, diante dos seus olhos. Estou sozinho em casa. Ou não?

Afinal, sabemos realmente o que se passa a nossa frente? Pandemia. Quarentena. Isolamento. Tédio. Morte. Indigência. O deserto fértil de ignorância e do egoísmo se estende sobre o horizonte da humanidade, silenciosamente, tal qual o vírus. Pós-pandemia. Pós-modernidade. Pós-verdade. No entanto, estamos devastados, estamos em colapso por esta mesma pandemia, a modernidade parece estar no começo e a verdade, quanto mais a buscamos mais ela se afasta para um lugar inóspito, desconhecido.

A imagem está ficando nítida e ganhando forma. O áudio sumiu. Agora sim, estou vendo, quase. (...) É um quarto escuro, uma figura esquelética. Sua cama está mais para um leito. Se for um desses *reality* é deprimente. As pessoas ao seu redor conversam entre si, mas não é possível ouvir uma só palavra. Alguém o está empurrando, de modo que ficou na posição frontal ao espectador. Se seus olhos não estivessem abertos, com piscadas lentas e espaçadas, poderia assegurar que é um cadáver. Ele está me olhando. Não estou confortável. Tenho de desligar a tv. Ele continua a me olhar fixamente e eu nem consigo desviar o meu, nem levantar. Já respiro com dificuldade, posso sentir. Letargia. Estou sedado? Não! Não uso drogas. Experimento apenas a

interação social com meus vizinhos e alguns parentes de vez em quando. Eu estou sozinho em casa.

“Tenho assistido, incógnito, ao desfalecimento gradual da minha vida, ao soçobro lento de tudo quanto quis ser”. Inquietação da minha cabeça, da minha alma, dos meus pulmões. Desassossego. Agonia. Meu esforço para entender a cena transmitida pela tv é em vão. As pessoas que conversavam no quarto foram embora. O enfermo está só, e ele não se move. Sedaram ele? Com certeza. Passam das três. Silêncio. Só eu e meu amigo quase defunto da tv. Por favor, não morra agora. Delírio; “provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria”.

Admito. Aceito. Não estou sozinho. Minha visão periférica está em condições suficientes para me dar a certeza que tem alguém à minha direita todo o tempo, o tempo todo. Está sentado, lendo um livro. O título, não consigo ler. É um homem. Não sinto medo, e isso me causa medo. Minha respiração está acelerando, não posso controlar. Não desisti, vou desligar a tv. Quero falar, o maxilar não obedece, minha língua está seca, imóvel. Meu corpo todo começa a tremer, posso sentir. Estou quase..., meus dedos se movem, muito sutilmente, insuficiente para apertar a droga do botão. Foi quase. Mais uma vez volto meus esforços para tentar compreender o que está acontecendo. (...) Cheiro de éter.

“Espectador irônico de mim mesmo, nunca, porém, desanimei de assistir à vida”. Sou eu na tv! Óbvio! Leveza. Alívio. Letargia, não mais. Vontade de viver. Vou levantar, estou sentindo, vou levantar.

Meu corpo todo estremece, o cansaço me impede. A sensação de leveza é tamanha que pareço estar bailando no ar feito a pena de um bem-te-vi que se soltou de suas asas. O tempo passou depressa, o ponteiro já se aproxima das seis da manhã. Acho que o isolamento me fez um bem necessário; me libertou. Mas do que, exatamente? De mim mesmo, apenas.

Assisto à minha própria condição com indiferença. Se esta figura a minha frente é minha imagem e semelhança, então tenho mais em comum com as pessoas ao meu redor do que poderia supor.

- Não se preocupe, eu desligo pra você.

Falta de ar. Meus pulmões parecem querer saltar do meu peito. Preciso levantar. Estou cansado, muito cansado. A sinfonia do desespero; o silêncio.

(...) Cheiro de éter.

Correria. Os enfermeiros e o médico plantonista retornam à sala de UTI, logo identificam o corpo ao chão em posição decúbito ventral. Indagam o paciente do leito ao lado sobre o que se passou ali.

- Doutor, há algumas horas ele vinha delirando, falando coisas sem sentido. Mas de tempos em tempos repetia uma mesma fala, que era a seguinte: “preciso desligar a tv”. Eu cochilei, não sei ao certo por quanto tempo, e acordei com o barulho, ele caído no chão e seu respirador desligado. Me perdoem, não pude fazer nada.

Causa mortis: SÍNDROME RESPIRATÓRIA GRAVE, COVID-19.

Hora do falecimento: 06 HORAS E 15 MINUTOS

Local de falecimento: HOSPITAL DE EMERGÊNCIA
OSVALDO CRUZ. MACAPÁ-AP

Idade: 47 ANOS

Naturalidade: MACAPÁ-AP

Data: 28 DE MAIO DE 2020

Nome: VÍTIMA N° 248

Patricque Marinho

INCOMPLETUDE

Hoje me flagrei pensando na vida
No quão grande é sua fragilidade
Pois como pode algo tão pequeno
Afetar toda a humanidade?!
De repente, tudo muda.
Nada mais é como antes.
O tempo já não nos rege
Hoje se vive cada instante.
De repente, começamos a ouvir mais
Nos reunimos em volta da mesa,
E, mesmo que por um breve momento,
Já não tememos mais a incerteza.
De repente, saudade tem nome, cheiro e sabor.
Saudade do riso, do amigo esquecido, do beijo vivido;
Do abraço com amor.
De repente, as melhores flores são colhidas,
Deixando um vazio em nosso jardim.
E, a cada flor, cruelmente arrancada
Um buquê de saudade, floresce em mim.
De repente, uma lágrima irriga meu rosto.
Finalmente entendo minha incompletude:

O que faz da vida coisa tão bela
É saber que até ela tem finitude.

Maria Rúbia Martins
Martins

DURA A DOR

Viver naturalmente hoje é ser um violador

O indivíduo é hospedeiro e transmissor

Quem vive com a naturalidade do ontem, não sabe o significado do amor

O presidente é um ator, ao invés de cuidar, planta o desamor

Não tem sentido brigar, pra que regar o rancor?

O fato é que as pessoas não são altruístas, enquanto o “mundo” delas estiver com cor, não importa a dor

Uma parte da humanidade está deixando de respirar, está tudo frio, sem sabor

O beija-flor perdeu-se da flor

A doçura da flor, o dominador amargor

Agora só existe agonia e angústia contidas no conservador

A solidão é assustadora e atormentadora, e a inquietude instiga o tremor

Mas a solicitude agora salva, isso é um favor

Manter-se em casa é a cura para o vírus avassalador

Para as pessoas conscientes, a dor do próximo sempre é a sua dor

O sol não brilha como outrora, mas ainda é esperança do sonhador

Talvez passar por isso seja um “sonho” reparador

Está sendo separador

Perturbador

Dura a dor

A televisão é um meio de entretenimento, mas atualmente é apenas um monstro devastador

O ser precisa se recompor

Acreditar em dias de cor

Para melhorar o humor

Mesmo sem saber o sentido da vida, acredita-se que existem razões para viver um amanhã com vigor

José Fernando de
Medeiros

SURTOS CORONÁRIOS

Bem que os psiquiatras avisaram. O isolamento social, e particularmente o confinamento social vão provocar transtornos mentais em certas pessoas com pré disposição à ansiedade e depressão. A própria circunstancia de solidão involuntária proporcionará ao indivíduo reações diversificadas. De sensações de liberdade e felicidade ao desespero com pensamentos suicidas.

Muitos talentos estão sendo revelados extra ambiente da clausura. Enquanto ocorre o inverso com os enclausurados por determinação judicial. São soltos como medida de lhes garantir a vida livre de qualquer risco de contágio viral. Isto em princípio. Porque muitos não voltarão às penitenciarias de origens, sem pistas estarão de retorno às organizações criminosas do narcotráfico, ou às milícias tuteladas pelo Estado ; enquanto outros desaparecerão para sempre, sem jamais terem suas identidades reveladas por conta dos sepultamentos em covas coletivas .

Por outro lado, haverá também os hipocondríacos, como sempre tumultuando o retiro forçado dos familiares. Alarmando-os com o menor indício de considerados sintomas do covid19, perda de olfato, paladar, diarreia, tosse, espirros, cãibra, dor na esquinência, incômodo na titela, mãe do corpo na cabeça, espinhela caída, suspensão. Dependendo do estágio da idade longeva, e demência do

parente ou agregado da família, deixará em polvorosa o clima dos netos, bisnetos, e, no caso específico da Dona Sabina a tetra neta.

Muita calma nessa hora! dizia um dos Patriarcas Enclausurados - quando lhes apareceram os mais variados sintomas do vírus - cujos nomes nunca ouviram falar, e os significados do mal estar não constavam nos dicionários do Aurélio , muito menos no *Dicionário Pharmachológico*.

Pois, a sintomatologia descrita pela vítima do vírus era diversificada nos detalhes. Chegando a ser incompreendida pelo o médico de plantão no Posto de Atendimento do Plano de Saúde. Numa dessas idas e vindas, foi possível vivenciar o surto de um cidadão que quebrava toda a frente de vidro de um escritório de arquitetura. Quebrou tudo! usando um pedaço de cano de aço . Alegava aos berros que: Doutor Fulano, Doutor Beltrano, tem que possuir o diploma de Doutorado ...! Médico é Bacharel em Medicina! Advogado é Bacharel em Direito ..! Sempre aos gritos, desafiava as pessoas a provarem que estava errado. Foi conduzido numa viatura policial. Mas, quando todos perceberam que havia passado aquela situação de cólera materializada ; Eis que surge de repente um outro cidadão, aos gritos enfurecidos dando continuidade aos protestos ...concordando em tudo o que o preso bradava a caminho da Unidade Policial .

O que explicava a fúria de pacientes saindo da Unidade do Plano de Saúde? Pensava o Patriarca Enclausurado aguardando a sua vez. Não sabia descrever os sintomas que lhes confirmaram a presença

da Covid-19. Pois havia se precavido, conforme indicações de medicamentos do parceiro de dominó. Alguns controlados, mas nem por isso, o amigo lhe fornecia os tarjas pretas . Nem percebeu quando a neta lhe conduziu ao consultório. Diante do quadro que apresentava, o médico concluiu: tentativa suicida.

Lais Alves do Nascimento

NÃO É UMA GRIPEZINHA

Ao se aproximar o novo ano

Tudo o que desejamos é esquecer

Das frustrações do ano que está a encerrar,

É quando, de repente, algo vem nos assustar.

No início pensávamos que logo iria passar

Mas não...

Quando as primeiras mortes chegaram,

pudemos pensar: é mais que uma "gripezinha"

Que temos que enfrentar.

Só não sabíamos que tamanha seria sua proporção

Até aqui nos alcançar

É impressionante como muitos não querem aceitar,

duvidar da Ciência não irá amenizar

Vidas foram e continuarão a entrar

Para a lista dos que não tiveram tempo de imaginar

A saudade que iriam deixar

Como adivinharíamos que um vírus ia nos parar?

Quando nos deparamos com a situação,

álcool em gel e máscara é a nossa salvação.

Pobres de nós ao cogitar ser essa a solução!

Através desse momento

Foi possível nos perguntar: para onde isso irá nos levar?

Lucas Rodrigo Uchôa de Oliveira

O PESO DO MUNDO EM MINHA MORADA

Hoje foi um daqueles longos dias, aqueles que passam lentamente. Estive por horas na cama, o corpo era um chumbo que pesava à vida, o peso do mundo sobre mim. A solidão virou minha namorada, me fazendo afundar na escuridão profunda e extravagante. Minhas expectativas eram baixas. Ontem demorei a dormir e me prometi que o hoje seria diferente, mas nada mudou, sinto que me tranquei e sumi com a chave, como se não houvesse vida afora.

O grande incômodo é que eu sei que há muito mais por lá, mas nada me agrada, já não se fala em pessoas, apenas em números, o noticiário me somatiza. Meu peito dói! O que será?

Lá no fundo, diante de tanta escuridão, há uma esperança, tem que ter uma esperança, pois sem ela eu não serei nada, apenas um outro qualquer, uma cova feita às pressas de um pobre coitado sem um último adeus.

Pouco me preocupo comigo, o que dói é olhar para os meus pais e dizer que tudo vai ficar bem, quando na verdade as caixas de madeira procuram corpos frios para a terra esquentar, triste é o fim. Enquanto isso aquele que nos desgoverna brinca e ri da nossa cara, para ele, pouco a nossa vida importa, se pudesse tenho certeza de que

ele escarraria em nossos caixões com todo o seu desrespeito e a sua ignorância.

Um dia, se eu vencer, vou contar esta história como um novo começo, espero que os meus pais estejam junto a mim. Horas se passaram e eu continuo na cama, os pensamentos ainda me pesam, meu peito ainda dói, decidi voltar a dormir, prometo que o amanhã será diferente.

Jadson Luis Rebelo Porto

ELES NÃO SÃO NÚMEROS

Ela chegou de viagem
Passeou pelo mundo inteiro
Trouxe com ela, na bagagem,
um companheiro, um coveiro.

Chegou sem convite
Está por todos os lados, não há quem o evite
Uns chamam de corona, outros de Covid

Em silêncio circula por aí
Jovem, adulto ou idoso amável
Encontrá-lo é fácil, está logo ali
Na esquina ou na festa irresponsável.

Saiu da China, percorre o mundo
Sem controle e sem pronomes
Para alguns eles são números
Para outros, são nomes.

Chegou a dez mil, passou de um milhão
Não importa o quanto sentes

Eles são números! Não!
São nomes! São pessoas! São entes!

Sejam unidades, dezenas ou milhares
Não importa quem são, nem onde estejam
São amigos. Possuem vidas. São familiares
São nomes, sentem dores, lacrimejam.

São pegos, não protegidos ou contaminados
Descobrem que virarão números, dados.
Mesmo sendo nomeados
Estão apavorados. Estamos assustados.

Outros são pegos, surpreendidos
Não esperavam ser atingidos
Desconheciam o que os atacavam, exauridos
Tornaram-se número, mesmo sendo queridos.

Joões, Jorges, Simones ou Raquéis
Poetas, músicos professores ou menestréis
Ricos, pobres, isso não importa
Estando vivo, está à porta

Surge, então, aqueles que o enfrenta
Agentes de saúde, a vida sustenta

Salvam e suportam com suas mãos bentas.

Eles também não são números. São pessoas alentas.

Não são números, todos têm nomes

Todos têm sentimentos, têm dores

Possuem sobrenomes ou codinomes

Não importa! Não são números e têm amores

Não importa! Não são números e tem amores.

Geovane Rogers

PANDEMÔNIO NO PARAÍSO

É... e de uma hora para outra o povo Amazônico entrou em desespero, aquela conversa simples e descontraída de outrora já não existe mais. Todos os caminhos agora parecem apontar à mesma direção, o vírus da morte, como é chamado por aqui, tornou-se o principal assunto entre os moradores assustados. Já se foi aquele tempo em que o maior pavor de um ribeirinho era topar de madrugada com a terrível cobra-grande em um desses cafundós de meu Deus. Tá longe aquele tempo em que as únicas pragas, tirando as muriçocas, eram os botos namoradores que engravidavam as moças distraídas nas beiradas desses rios. Daquele tempo pra cá, “a vida boa e devagar” retratada nos versos do grande poeta e compositor Zé Miguel, parece não caber mais na realidade. E não é porque o povo ribeirinho tornou-se demasiadamente urbano de uma hora para outra, não, não. A questão está muito longe de ser esta, pois se tem uma coisa que o povo da floresta prioriza é justamente a maneira como leva a vida.

O imbróglio é outro e bem mais urgente. Pois imaginem vocês, que chegou aqui nesses confins, originária sei lá de onde, a tal pandemia. Uma doença chamada Covid-19, transmitida por um vírus que vai passando de uma pessoa a outra até que não reste ninguém sadio. Nossos parentes e amigos tornaram-se involuntariamente uma espécie de cavalo de Tróia moderno, capazes de disseminar a morte até

mesmo entre aqueles que amam. Dessa forma, do Éden como conhecíamos, nosso mundo se tornou um pandemônio, algo de tal magnitude visto somente em 1500, com a chegada dos europeus nas Américas originando assim, a guerra biológica e o processo de exploração no Novo Mundo, combinação esta que acabou ceifando a vida de milhões das populações nativas da época. Mas se naquele tempo nossos ancestrais sofreram com a exploração e as doenças trazidas pelos conquistadores, hoje no tempo da tecnologia nosso desespero não parece ser diferente.

Pois lá fora, nos rios e igarapés, os “rabetas” e os “pucpucs” não cessam; como um grande exército de formigas cortadeiras num vai e vem frenético, vasculham vilas e aldeias à procura de moribundos. São centenas de pais e avós, filhos e netos, sonhos e esperanças marajoaras, manauaras e tantas outras naturalidades que vão se apagando pela imensa floresta amazônica. O velho pajé, descendente do guerreiro povo Tupinambá recolheu-se à tapera desolado, pois o vírus malocou-se na floresta como um dos tantos espíritos nativos que habita o imaginário de nossa gente simples e humilde. Quanto desespero meu Deus! E se contar que daqui até o hospital mais próximo são dias de viagem, ninguém acredita. O que será desse povo, meu Deus, na cidade grande? Doente, sem dinheiro, semianalfabeto tendo que disputar leito em covidários, com tantos outros infectados por lá?

Não, minha gente, definitivamente, os tempos por aqui não são mais os mesmos. O povo amazônico, que há séculos foi condenado a

viver esquecido, sem os benefícios do poder público, a buscar soluções caseiras para problemas sofisticados, agora mais do que nunca se vê perdido, desamparado, largado à própria sorte como um filho mal amado. Não que o povo das cidades não esteja sofrendo também, pois pelo que parece, esse quebranto maldito não é uma praga que nem a fome, que mata uma classe enquanto a outra come. Não, essa moléstia parece não fazer distinção.

A grande questão aqui, é que não temos opções estruturais, estamos sufocando abandonados no que já foi nosso paraíso perdido, no místico pulmão do mundo sem podermos respirar, enfrentando um inimigo desconhecido e futurístico, apenas com ervas, rezas e benzedeiças.

Podem até julgar esse que vos fala, como sendo pessimista e exagerado, sem consciência e empatia pelos seus neste momento trágico, pois o certo talvez fosse dizer que juntos, superaremos as adversidades e que tudo não passará de lembranças em nossas memórias em um futuro próximo. Mas analisando a realidade na qual nos encontramos, onde há muito já vivemos em estado de pandemia constante sem hospitais, médicos ou remédios, com os políticos engordando suas contas bancárias enquanto o povo padece abandonado à própria sorte pelas consequências históricas de descaso e o efeito da pandemia que assola o mundo inteiro, já posso quase sentir a vala fria e coletiva oferecendo-se como nossa última morada.

Ana Carolina Silva
dos Santos

DIAS DE QUARENTENA

Há dias tenho vivido

Distante de coisas

Lugares e pessoas

Às vezes apenas existido.

Há meses tenho estado

Angustiada e preocupada

Com situações que têm mercado

A mim e a todo o social.

Há semanas tenho medo

De como iremos sobreviver

Diante das incertezas, dos casos e dados

De viver sem nada mais saber.

Há um bom tempo

Clamo por saúde para mim, para os meus

E entre meus devaneios, mentalizo que é só questão de tempo

E que tudo vai ficar bem.

Fernanda Almeida
dos Santos

MUDANÇAS? PARA QUÊ?

Em um dia normal, como outro qualquer, você acorda, espreguiça e se levanta. Olha por uns dois minutos para o chuveiro e, finalmente, resolve encarar a água levemente gelada às 06:00 da manhã. Veste o uniforme e vai para o trabalho. Pausa para o almoço e retorna após duas horas. Cumpre o restante do horário e volta para casa. Mais um banho, brinca um pouco com as crianças, depois, janta com a família. Assiste um pouco de tv e descansa. E segue, assim, até o fim de semana, quando os amigos todos se reúnem para o churrasco de domingo.

Em um dia diferente, você acorda lá pelas 06:00 da manhã e fica rolando na cama, esperando a hora passar. Não há o que fazer, senão ficar em casa, pois o patrão dispensou seus funcionários por ter que manter a empresa fechada por tempo indeterminado. Sendo assim, inventa jogos com a família, faz o almoço, arruma a casa, brinca mais um pouco, assiste tv, tira uma soneca para descansar, levanta, faz um lanche, em seguida o jantar, assiste mais um pouco de tv, deita-se e dorme. E agora essa é a sua nova rotina, sem data para acabar.

E com os dias passando, o isolamento se faz cada vez mais necessário. As mudanças naturais acontecem sem que a humanidade possa fazer nada para detê-la. Não houve nenhum aviso prévio, nem manual de sobrevivência. Apenas aconteceu!

Isaac Vieira dos Santos

A CÁPSULA

Está escuro, muito nublado
Parece que o tempo não vai abrir
Aquele grupo alegre está em pausa
Sorrisos e histórias já não posso ouvir
Encostado em meu canto, ouço o aguaceiro
Fechou-se as portas da convivência
Abriram-se os horizontes da criatividade
Mas meu skate não suporta essa realidade
Depois do desespero de cada contato
Desligar o telefone leva também o sorriso
O silêncio ocupa o estado natural humano
A previsão da incerteza já prevê granizo
Tento distraído procurar uma ocupação
Tudo parece fútil e caio em saudosidade
Distraio-me comigo fugindo da monotonia
Será por quanto tempo essa realidade?
Correntes de força, mensagens de ajuda
Abraços virtuais, reuniões a distância
Monólogos intensos, diálogos escassos
A marca no sofá, a vida em redundância
Mudanças prometidas para o novo tempo

Aguardamos encapsulados o milagre
Dependemos da ciência marginalizada
Somos reféns de insanas autoridades
O sol vai aparecer, as nuvens vão sorrir
Os olhos vão brilhar, a alegria retornar
Os abraços serão apertados
As saudações farão o verdadeiro sentido
Mundo novo a explorar, resta o adaptar
Lembranças dos que se foram
A dor não vai passar
Mas precisamos continuar...

IMORTAIS

O tempo passa para todos.
Juntos devemos saber aproveitar.
A vida por aqui é como o vento,
não vai dar tempo pr'a voltar
Viva o que tiver de viver.
Faça a diferença diferente.
Cria que as coisas podem e vão mudar.
Seja hoje o seu amanhã.
Lide bem com os problemas,
não deixe que o mundo te absorva no ar.
Seus caminhos não são tão imprevisíveis assim.
O tempo escuro hoje já não é o amanhã.
Em toda tempestade há algo a se aprender.
A luz em teus olhos vai brilhar em você.
Tudo vai ser diferente.
Temos que olhar pra frente.
Vamos sorrir lá nas fases finais.
Mantenha os olhos focados na vida,
a alma aberta para a lida
e sim: curtir - não somos imortais.

Emanuelle Yasmim
Cabral Sena

CRISE EXISTENCIAL

Hoje parei para refletir e velejar sobre meus tubulosos pensamentos, estou sentindo falta da autonomia sobre minha vida ou apenas seguindo paradigmas? Eis os fatos, meu legado é liberdade, tenho asas para voar, porém quem me colocou nessa gaiola tão pequena? Outrora eu era peregrina, hoje sou conterrâneo de mim mesma. De dia busco meus sentidos e de noite procuro minha clareza.

Além do mais, noutro contexto eu pensava que meus maiores problemas fossem desemprego, dependência financeira, até mesmo a minha vida sentimental, no momento atual percebo que o maior entre todos é essa crise existencial. Tem sido bastante difícil equilibrar minha sanidade mental com todas as anomalias que estão acontecendo no mundo, o que me sobra é a esperança, talvez a religiosidade, fracos amores ou conselhos de pessoas más resolvidas influenciadas pelas mídias capitalistas.

Por gentileza, alguém nos ajude a passar dessa fase, essa de sermos jovens transitando para a maioridade, vastas responsabilidades, desejos e de repente uma guerra invisível nos atinge por inteiro. Vejo sonhos frustrados, planos embaralhados e guardados, de uma geração onde muitos ainda não estão preparados para guerrear, onde nossas armas são mídias manipuladas e a defesa é apenas nos esconder e resguardar aqueles que nós amamos. Isso é sinônimo de ser covarde?

Não, isso é lealdade a quem nos doamos, apenas nos mantendo guardados é o nosso escudo contra esse contágio.

A questão é como remanescer intactos até o final dessa guerra? Precisamos nos revestir de expectativas e sonhos, porém estamos afastados daquilo que mais reclamávamos, resmungávamos e, afinal, é o que mais procuramos retomar. É a nossa liberdade de conhecimento, nossa revolução, nossa militância atrás de nossos ideais, nossa luta de cada dia, nossa trajetória para que no final tenha aquele gosto de vitória. Não quero apenas sobreviver, eu preciso aprender, para que no final eu possa dar sentido a minha vida, não apenas viver o momento, mas me abarrotar de conhecimentos e só assim saberei se apenas existi neste contexto ou também construí a minha própria existência.

Marilia Dione Salvador
Shibayama

MEU EU REAL

Fernanda sempre foi uma estudante e trabalhadora compulsiva, ela queria fazer o seu melhor em tudo em que colocava seu dedo, seu perfeccionismo era evidente. Essa busca incessante de se destacar era reflexo de sua criação rígida e opressiva. Mas, com o passar dos anos, gera em Fernanda um sentimento de insatisfação recorrente, pois como nada está bom o suficiente, ela decide entender o porquê dessa sensação de nunca conseguir atingir o seu potencial, o senso autocrítico é exacerbado e explícito.

Com a chegada da pandemia pela covid-19 também veio o isolamento social. Para várias pessoas essa quarentena significa perdas, perda do direito de ir e vir, perda do poder de encontrar com os amigos, perda do prazer de viajar ou visitar os familiares. Mas, para Fernanda era a grande oportunidade da vida que foi procrastinada durante décadas: o autoconhecimento. Nesse isolamento é preciso resgatar a identidade que lhe foi roubada desde a infância, é necessário encontrar o seu Eu real. As grades emocionais estão presentes e invisíveis. Como um desabrochar de uma flor, Fernanda se questiona sobre quem é ela realmente, do que gosta, o que faz seus olhos brilharem e o que a deixa feliz.

Para Fernanda pensar em liberdade em tempos de isolamento é até antagônico, mas sim liberdade de fazer as suas próprias escolhas ou

simplesmente de poder ler o que quiser e quando quiser. A leitura ajuda na imaginação de se estar em outro lugar, levar a mente para outros patamares, focar na liberdade dos sentimentos envolvidos, sentir a emoção dos personagens é transcendental, é viver as vidas que só poderiam ser vividas através da literatura, é a catarse emocional nunca experimentada.

O isolamento social não traz solidão e nem ansiedade, típicos em situações de confinamento compulsório. Para Fernanda essa vivência é sentida da forma mais profunda possível, o gosto da independência afetiva. Fernanda vibra por descobrir e entender que, apesar de seu passado, é essencial renascer, é necessário ter resiliência, autoresponsabilidade e arrancar forças de dentro de si para continuar vivendo, não somente existindo, mas conhecendo-se da forma mais plena e genuína que alguém poderia experimentar. Quando terminar a quarentena, Fernanda estará pronta para maior jornada da sua vida: viver a conquista de ser ela mesma.

Clebson Assis da Silva

O SER E O DESEJO DO SUJEITO PANDÊMICO HOJE

Expressas recomendações para nosso bem temos que acatar:

Distância, isolamento, saudade de quem escolhemos para amar

Notícias cotidianas, altos índices de números chegam a assustar

Fica em casa, essa é a melhor medida a se tomar

As máscaras de proteção estão aos nossos sorrisos esconder

Locais fechados, metros de distância um dos outros temos que manter

Em todos os estabelecimentos protocolos de segurança para nos
submeter

Um inimigo invisível e perigoso, sendo prudente temer

Higiene constante com água e sabão, muito álcool em gel seria esta a
solução?

Muitas vítimas e dores constantes, imagens que partem o coração

Palavras que despertam inquietação: Imunidade, respiração e infecção

Muitas medidas e procedimentos novos, tudo vale para a conquista da
superação

Outro tempo, novos rumos para a humanidade

Nunca se almejou tanto manter uma efetiva proximidade

Fé, esperança e amor hoje é uma comum necessidade

Família, saúde e liberdade tornaram-se prioridades

O findar desses dias incertos e difíceis será motivo de muita felicidade.

O TEMPO DE CADA UM NA PANDEMIA

Em tempo de pandemia emerge o medo e agonia

Em tempo de pandemia a saúde, a família e a fé, tornam lindo o dia

Em tempo de pandemia ficou mais lento o passar dos dias

Em tempo de pandemia se lembra do ontem com saudade de tudo que se fazia.

O Ir e vir sem perceber as coisas importantes para se viver

O Ir e vir e as coisas lindas e esquecidas de aos amados poder dizer

O Ir e vir imaginando o amanhã e tudo que iria acontecer

O Ir e vir hoje diferente deixando a todos ansiosos e cansados por não saber o que fazer.

Em casa e isolados se enxergam coisas antes não vistas

Em casa hoje se entende vivências há tempo esquecidas

Em casa se pensa nos muitos erros que se cometia

Em casa faz-se tudo que antes não se conseguia.

Espera-se passar logo toda essa aflição

Espera-se orando agradecer a Deus e acalmar o coração

Espera-se que o mundo com tudo isso aprenda uma lição

Esperam-se mudanças principalmente no interior de cada coração.

Que a humanidade pratique mais respeito e mais união

Que o mundo prossiga tendo aprendido uma nova lição

Que as pessoas percebam que juntos fica mais forte uma nação

Que independentemente de qualquer diferença somos todos iguais e irmãos.

E que após superada a pandemia impere a alegria

E o ir e vir sempre com amor respeito e uma saudável euforia

Restaure nossas casas e vidas com equilíbrio e harmonia

E que saibamos ser gratos pela tão esperada cura da doença que afetou muitas famílias.

Danielle Santos de
Souza

PALAVRAS

Palavras,

Palavras jogadas ao vento, sem rumo, um golpe leve, forte que pode causar dor, reconstrução, paixão, medo ou até ilusão.

Palavras,

Palavras ditas lentamente, como o suave som do ar, acalma, esfria, deixa, deixa sossegar.

Palavras,

Palavras gritadas, veias pulsando e a garganta ardendo de tanto aclamar, é como uma buzina, que alerta, perturba, mas que pode aliviar.

Palavras,

Palavras tocantes, que são chaves, abraços, beijos, amor, demonstrados de um jeito encantador, sedutor, dominador, que te prendem, libertam, tudo repentinamente.

Wenderson da Glória
Usnahua

A RESPONSABILIDADE E NÓS

Na história recente do Estado do Amapá, observamos uma polarização do ponto de vista político. Como dizem por aqui: os azuis e os amarelos vivem se alternando na cadeira do setentrião e, no meio dessa disputa, estão os anseios de uma população, que diante de tantas notícias de fraudes, desvios de verbas e outras gambiarras, ainda colocam os “donos” do Amapá em seu trono novamente. Será que isso terá um fim? Sim, tal situação pode cessar. A sociedade não só pode como deve deixar de ser escrava dos contratos públicos, de favores individuais de governo feito para poucos. O que tem nos atrapalhado é o imediatismo, pois “Somente um povo instigado pelo ímpeto de grandiosidade é capaz de transcender, em suas criações, a utilidade e o conforto imediatos.” A obediência consentida em troca de contrato público é uma nova espécie de escravização, a escravização por meio da força deu lugar a um acorrentamento mais sutil, mas não menos letal.

O Amapá está presenciando agora as consequências de anos em que seus cidadãos resolveram apostar nas mesmas promessas, nas mesmas caras, nas mesmas raposas políticas, tão acostumadas a engordar a custas das mazelas enfrentadas pela população. Dessa forma, não adianta esperar por um salvador, um salvador que virá nos focos de uma filmadora e empunhando um microfone, assim também,

como ele não surgirá de mundo sobrenatural e anunciado por trombetas, cercados por anjos. Nossa redenção é bem mais simples, pois no momento em que adquirirmos consciência política e compreendermos que “o Estado se dirige à massa, não por querer atendê-la, mas por ser impossível existir sem uma massa a quem ordenar, organizar.” Assim, o que nos falta é consciência política, pois mesmo diante de todas as evidências históricas apresentadas na eleição passada aqui em nosso querido Estado do Amapá como, por exemplo, desvio de verbas da saúde e da educação, prisão de políticos pela polícia federal, o povo fez a sua escolha e o que estamos vendo é o resultado. Não adianta querer modificar uma realidade, sem mudar os caminhos que fazem chegar a ela, lógico que a pandemia não tem um culpado, mas a má gestão dos órgãos do Estado e, principalmente, do sistema de saúde, sim.

Estamos testemunhando a história trancados em casa, cheios de dúvidas sobre o amanhã, rodeados de informações e abraçados com incerteza. De fato, esta não é a primeira grande crise da humanidade, mas o que se percebe é que a humanidade está menos preparada para enfrentar esta situação que outrora. O certo é que “os sucessos passados não aumentam necessariamente a probabilidade de vitórias futuras,” e a descrença avassaladora na ciência por uma grande parte da população é um sintoma do quanto estamos caminhando sem rumo. O que devemos perceber é que o dia de manhã nos julga e, se preciso for, nos condena pelo dia de hoje. Devemos lutar por dias melhores, sobretudo, com consciência, avaliando o que nos espera, as

possibilidades, as melhores escolhas. Pode parecer conveniente entregar o fardo para outro carregar ao invés de sentir o seu peso sobre os ombros, mas agir desta maneira nos priva de nossas próprias responsabilidades mostrando toda nossa infantilidade em nos desfazermos de nossas ações.

Não adianta nos esquivarmos de responsabilidade social pensando que tudo é culpa de um governo. Afinal, se este está onde está é porque a população quis assim, “o homem da democracia, quando quer saber algo, pergunta para a pessoa do seu lado, e o que a maioria disser, ele assume como verdade. Daí que, no lugar do conhecimento, a democracia criou a opinião pública.” O que não impede que o indivíduo possa se valer do senso crítico para exercer uma escolha mais consciente de seus representantes. Pois, esta grave crise pela qual estamos passando na saúde veio mostrar que, parafraseando Camus “sei que o homem é capaz de grandes ações. Mas se não for capaz de um grande sentimento, não me interessa.” isso vale muito a pena, olhar para o outro, respeitar sua individualidade, seus sonhos, suas necessidades. Jamais como uma forma de ascensão social ou forma para manter-se no poder, o que nos cabe para reverter toda essa construção é nos valermos do senso crítico para combatermos a repetição da história.

Jacke Vaz

INEFÁVEL

O corpo frágil foi baqueado,
pelo desejo do toque das pálpebras...
pela ternura do afago
pelo desejo de sentir calores...
onde tudo é ato,
fluxo, carnal!

O corpo resguardo foi baqueado,
pelo desejo do dizer,
pela vontade de desaparegar do ser saudade,
pela vontade de um beijo calado,
onde tudo é voraz,
efêmero, e (se)cura.

SOBRE VERSOS VICIOSOS

Olhos fundos...

Nada encontro,
nada vindo,
tudo concreto.

Caótico!

A cabeça encosta e se aconchega...

No incerto,
no vasto,
no temor,
naquilo que já se foi.

Os versos ganharam gosto de morte

As mãos tremidas balbuciam

Gritam!

Anseiam,
nada vindo,
nada encontro,
Não vejo cores!

O sentido foi comido

não há sinestesia

não há vontade

O verso foi tomado pela inquietude,
e o poeta tornou-se sujeito da ineficácia.

O período pandêmico não é um tempo que deva ser experienciado da mesma forma pelas pessoas e muito menos precisa ser, necessariamente, produtivo ou parte de um despertar criativo nos indivíduos. Para muitos de nós, é apenas um instante que precisa ser vencido, de profunda introspeção. No entanto, para tantas outras pessoas, a arte é parte da expressão desse ciclo e pode, também, ser usada como forma de transmissão de sentimentos e sensações. Sendo assim, por um lado, com o objetivo de tocar os que apenas precisavam de um afago e, por outro, dar o suporte aos que desejavam se expressar por meio da escrita, o projeto *Dizeres da Quarentena* selecionou produções textuais durante o período de isolamento social, de diversos autores, idades e formações.